



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

FABRÍCIO DE SENA FERREIRA

**SONS DA LIBERDADE:
O USO DAS MÚSICAS DA CAPOEIRA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

FABRÍCIO DE SENA FERREIRA

**SONS DA LIBERDADE:
O USO DAS MÚSICAS DA CAPOEIRA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Projeto de Intervenção Pedagógica, apresentado ao curso de Licenciatura em História, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, *campus* dos Malês/BA, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Fonsêca de Oliveira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

FABRÍCIO DE SENA FERREIRA

**SONS DA LIBERDADE:
O USO DAS MÚSICAS DA CAPOEIRA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Projeto de Intervenção Pedagógica, apresentado ao curso de Licenciatura em História, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, *campus* dos Malês/BA, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Data de aprovação: 04/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Fonsêca de Oliveira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

RESUMO

Em “Sons da Liberdade: o uso das músicas da capoeira no ensino de História” apresento uma estratégia didático-pedagógica voltada para a educação das relações étnico-raciais desenvolvida na Escola Martinho Sales, situada no município de São Francisco do Conde, no recôncavo da Bahia, com alunos matriculados no Eixo VI da Educação de Jovens e Adultos. Foi através das músicas da capoeira, corriqueiramente cantaroladas entre esses educandos, que se permitiu abordar os conteúdos da disciplina de História, especialmente as experiências das populações negras no Brasil durante o período da escravidão. Também se procurou apresentar essas experiências a partir de uma perspectiva regional, relacionando-as com as vidas de personagens negros que desenvolvem e incentivam a prática da Capoeira no município de São Francisco do Conde. Enfim, o projeto aqui apresentado atende o que diz a Lei 10.639/2003.

Palavras-chave: Brasil - História - Estudo e ensino. Capoeira - Brasil - Canções e música. Educação de Jovens e Adultos - São Francisco do Conde (BA) - Projetos. Escola Martinho Sales - Estudos de caso.

ABSTRACT

In "Songs of freedom: the use of capoeira music in the teaching of History" I present a didactic-pedagogical strategy focused on the education of ethnic-racial relations developed at the Martinho Sales School, located in São Francisco do Conde, in the Recôncavo da Bahia, with students enrolled in Axis VI of Youth and Adult Education. It was through the songs of capoeira, commonly hummed by these students, that allowed us to approach the contents of the discipline of History, especially the experiences of black populations in Brazil during the period of slavery. We also sought to present these experiences from a regional perspective, relating them to the lives of black characters who develop and encourage the practice of Capoeira in the municipality of São Francisco do Conde. Finally, the project presented here complies with the Law 10,639 / 2003.

Keywords: Brazil - History - Study and teaching. Capoeira - Brazil - Songs and music. Escola Martinho Sales - Case studies. Youth and Adult Education - São Francisco do Conde (BA) - Projects.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA COMUNIDADE ESCOLAR	8
3	O PROJETO DE INTERVENÇÃO: JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E ETAPAS	11
4	REFLEXÃO CRÍTICO-AVALIATIVA	20
	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Vários trabalhos de pesquisa vêm demonstrando o quanto o uso da música no ensino pode contribuir para uma aprendizagem significativa. No ensino dos conteúdos da disciplina História temos a contribuição de Circe Bittencourt (2009), que propõe uma metodologia de análise das músicas nas aulas de História. Átila Guimarães (2018), também trouxe uma contribuição significativa nesse sentido ao desenvolver o trabalho “Canto negro: as músicas do bloco afro ilê aiyê para inclusão da História e cultura africana no currículo escolar”. Trata-se de um projeto que visa a possibilidade da música como centro gerador dos conteúdos sobre a História e a Cultura afro-brasileiras em colaboração a aplicabilidade da lei 10.639/03. Dessa forma também trazemos aqui, como forma de estratégia pedagógica, as músicas de capoeira para despertar o interesse dos educandos. Trata-se de uma temática que dialoga com a história local e isso pode despertar a consciência e História, além de trabalhar com as aulas-oficina de modo que o educando desenvolva uma atitude Historiadora.

O município de São Francisco do Conde recebeu uma parcela considerável das populações negras e escravizadas que desembarcaram no Brasil após cruzarem o Atlântico. Todavia, apesar da importância econômica da região desde os primórdios da colonização decorrente, sobretudo, da produção açucareira desenvolvida nos engenhos que aqui existiam, a História desse município permanece invisibilizada na Historiografia.

Isso contribui para um amplo e incômodo desconhecimento, não apenas sobre a História do município, mas sobre a História e a ancestralidade das populações negras que aqui residem. Nas escolas do município, os conteúdos relativos às populações negras, quando abordados, não apresentam qualquer relação com a História Local e Regional. Hoje, em São Francisco do Conde, podemos visualizar diversas manifestações culturais de matrizes negras que são pouco exploradas no âmbito da Educação Básica como, por exemplo, o Capa Bode, o Negro Fugido, entre outros que percorrem as ruas do município durante o período carnavalesco. Não restam dúvidas de que essas ricas manifestações preservam muito a relação com a História do município, principalmente com as experiências das populações negras que, durante o período da colonial e imperial, procuravam resistir à escravidão.

Nas cantigas e nas músicas cantaroladas nas rodas de Capoeira podemos encontrar parte dessas experiências negras. Foi a partir dessa constatação e compreendendo a importância da música, como instrumento e recurso metodológico no ensino e aprendizagem em História, que procurei desenvolver a intervenção didático-pedagógica que passo aqui apresentar.

Segundo Circe Bittencourt a música, “é ela, sem dúvida, que tem mais condições de tornar-se importante fonte de informações Históricas, de ser investigada no sentido de contribuir para maior compreensão da produção cultural da nossa sociedade”. (BITTENCOURT: 2009:378).

Nascido no município de São Francisco pude, ao longo da minha vida estudantil, perceber o quanto a História do município não adentra os muros escolares. Sabe-se muito pouco ou quase nada sobre a História local. A cidade passou por um processo de concurso público para provimento de profissionais na rede de educação. Com isso, a maioria dos professores aprovados é proveniente de outros municípios. Esses profissionais por desconhecer a história da cidade acabam não dominando e colocando em evidência a mesma. Percebe-se esse fato na execução de um projeto da secretaria de educação intitulado VOARTE. Trata-se de uma ação para valorização e fortalecimento da História e identidade local. A falta de material didático sobre a história local, bem como as formações continuadas acabam impactando no desenvolvimento do trabalho docente. Com a passagem por algumas escolas fazendo oficinas, no trabalho de guia de turismo e no trabalho na escola Três Marias no bairro de São Bento percebo o quanto o município carece de projetos significativos no que tange o ensino da História local. Por isso a nossa proposta com o projeto “Sons da liberdade” torna-se importante nesse cenário educacional.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA COMUNIDADE ESCOLAR

O meu primeiro contato com a Escola Estadual Martinho Salles Brasil se deu em meio ao cumprimento da disciplina de Estágio Supervisionado II, do curso de Licenciatura em História. Ela se encontra situada na Rua Rodolfo Tourinho, uma das principais do município de São Francisco do Conde. Das 11 salas de aula existentes na escola, quatro se encontram interditadas por conta de um incêndio ocorrido

recentemente. O prédio escolar conta ainda com dois banheiros e uma cozinha. Toda essa estrutura predial encontrava-se e, ainda hoje, encontra-se em reforma, sem previsão de conclusão.

Segundo o senhor Kleber dos Santos Barbosa, diretor da escola, a situação está muito complicada, uma vez que ele não dispõe de salas suficientes para alocar os alunos e as turmas. A alternativa que está sendo usada é o rodízio de turmas. Nas salas que não foram afetadas as paredes apresentam mofo, muitas carteiras estão danificadas e a escola conta apenas com um bebedouro. Na sala da direção também encontramos problemas como armários sem portas e documentos espalhados por toda parte. A sala dos professores conta com apenas uma mesa e algumas cadeiras.

Quanto ao quadro pessoal que integra a comunidade escolar, o diretor indicou que, mesmo a escola pertencendo à rede do Estado da Bahia, é o município que cede alguns funcionários para trabalhar na parte técnica e na limpeza do ambiente escolar. Atualmente, a escola conta com 81 funcionários.

Ela funciona como Ensino Médio nos turnos matutino e vespertino. Já no período noturno a unidade escolar conta com a Educação de Jovens e Adultos (Ensino médio/ Supletivo). O Ensino Médio conta com aproximadamente 850 alunos e a EJA com 400 estudantes. Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, existem algumas parcerias com a comunidade. Além disso, tem alguns projetos internos em parceria com a comunidade como, por exemplo, o da prática da capoeira. Esse ano a escola resgatou o Grêmio Estudantil.

Como disse anteriormente, o meu primeiro contato com a Instituição escolar se deu por meio da disciplina do Estágio Supervisionado II, no semestre 2017.2, onde pude contar com a supervisão da Professora Bernadete de Lurdes Ferreira, mais conhecida como Profa. Bete. Foi ela que me apresentou aos alunos da Turma F, do Eixo VI, da EJA. Essa Turma era composta por 29 estudantes, sendo 17 mulheres e 12 homens.

Esse universo estudantil é muito amplo. A faixa etária dos educandos varia de 19 a 40 anos. A maioria reside no centro do município, mas tem estudantes também de bairros afastados como São Bento, Caipe, Campinas, Jabequara das Flores e Monte Recôncavo. Esses dois últimos lugares são considerados como zona rural de São Francisco do Conde. Os jovens e adultos dessa escola optaram por estudar a noite por conta do trabalho no turno diurno. Segundo a direção da escola cada ano

aumenta a procura por matrículas no segmento da Educação de Jovens e adultos (EJA).

Figura 1 - Composição de turma que conta com uma mescla de jovens e adultos



Foto: o autor.

Logo durante o período de diagnóstico e de observação das aulas de História, pude notar que esses alunos precisam conhecer mais sobre a História Local. Era preciso aproximar os conteúdos que a eles estavam sendo ensinados às realidades deles, permitindo assim que eles se vissem como sujeitos ativos no campo epistemológico. Foi a partir daí, que surgiu a ideia de se desenvolver um projeto de intervenção pedagógica pautado no uso das músicas e das cantigas da capoeira.

Meu principal objetivo era transformar a música de capoeira em um objeto de investigação, de análise do passado, de análise histórica, permitindo assim que determinados assuntos do componente curricular de História como, por exemplo, as revoltas dos escravizados no século XIX, pudessem ser ensinados, compreendidos e aprendidos a partir de novas práticas metodológicas. Como fala Circe Bittencourt, existe uma grande diferença entre ouvir música e pensar música; o primeiro está ligado ao lazer, já o segundo permite o exercício da interpretação, análise e reflexão (2009, p.378). Essa metodologia de trabalho com a música tem se revelado muito importante no campo do ensino.

3 O PROJETO DE INTERVENÇÃO: JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E ETAPAS

A necessidade de repensar práticas tradicionais na educação nos leva a procurar novos métodos de aprendizagem. Por isso notamos a importância de se trabalhar com a pedagogia de projetos no ensino de História hoje. Em seu trabalho intitulado “planejando o estágio em forma de projeto” Selma Garrido Pimenta (2012), aponta ainda que a realização de projetos:

[...] pode estimular nos estagiários o desenvolvimento de um olhar sensível e interpretativo às questões da realidade, uma postura investigativa, uma visão de conjunto do espaço escolar, uma percepção das dificuldades que a escola enfrenta, mas também das conquistas reveladas nas ações dos profissionais que ali se encontram. (PIMENTA: 2012:228).

Frente a alguns problemas enfrentados pela escola pública como a desmotivação dos educandos pelas aulas. O desenvolvimento de projetos pode contribuir para a superação desse processo. Seguindo no sentido da interação, cooperação de educandos e professores em uma ação conjunta podem chegar à criação de possibilidades de melhoria das dificuldades vividas pelas escolas. Quanto aos temas ou conteúdos abordados no projeto GUIMARAES em seu livro intitulado “Didática e pratica no ensino de História” vai dizer que:

Os conteúdos disciplinares necessariamente são contemplados na sistematização do trabalho escolar, mas só serão significativos se estiverem a serviço de uma aprendizagem significativa, constituindo-se em instrumentos que permitam a solução de problemas, facilitando a compreensão e a atuação do educando sobre essa realidade. (GUIMARAES: 2012:182).

Em nosso caso o tema que escolhemos faz parte do cotidiano dos educandos e foi escolhido como uma estratégia para aproximar e tornar mais agradável o ensino de História além de trazer à luz temas que não estão nos manuais didáticos. A metodologia que utilizamos foi a Aula-oficina elaborada por Isabel Barca (2004), que propõe uma reflexão e ao mesmo tempo uma ação de modo que supera o plano puramente teórico decorativo das aulas. Por levantar temas que estão ligados à História local, trabalhamos também com a proposta de Helenice Ciampi (2004), com seu trabalho “Os desafios da Historia local”. O conjunto dessas autoras e autores combinados com a proposta de Circe Bittencourt (2009), que traz a proposta do trabalho com música no ensino de História formou o

arcabouço teórico metodológico do projeto “Sons da Liberdade”. Esse título revela ainda a ênfase em uma proposta que pauta por uma educação antirracista. Autores como KI-Zerbo (2010), Abdias do Nascimento (2002), e Frantz Fanon (1997), também contribuem para o entendimento desse problema que há séculos acomete a população brasileira.

Os aspectos que norteiam a Tradição Oral são muito importantes para pensarmos a História e as experiências das populações negras – escravas ou não – que residiam em São Francisco do Conde e no Recôncavo Baiano durante o século XIX. Nota-se que em muitas canções podemos encontrar marcas do protesto e da resistência aqui desenvolvida. Labutando na lavoura açucareira ou desenvolvendo atividades pesqueiras, a música sempre se manteve presente, sendo entoada e cantarolada como modo de expressar sentimentos, alegrias e dores, que permeavam as suas experiências cotidianas.

Esse universo musical rico e amplamente difundido pelo Recôncavo Baiano permite que o professor possa desenvolver com os educandos práticas criativas de aprendizagem em História. O uso da música de capoeira como recurso para pensar determinados períodos e episódios históricos determinados pela BNCC e pelos PCN’s pode se mostrar uma experiência enriquecedora, permitindo inclusive pôr em prática a Lei 10.639/2003.

Estamos presenciando um movimento de construção de um currículo plural, uma clara demonstração das conquistas do povo negro no Brasil. Os professores devem estar atentos para desenvolver atividades prático-pedagógicas diferenciadas, que permitam um maior envolvimento dos alunos. Estamos imersos em uma sociedade da comunicação e informação em que as tecnologias estão se tornando muito usuais nas salas de aula e isso ajuda no processo de motivação para a aprendizagem do educando. É nesse cenário que propomos a intervenção nas aulas de História a partir das músicas de capoeira para uma melhor compreensão do contexto histórico em estudo. A História Local é bem utilizada nas músicas de capoeira que também faz conexão com a História Nacional. Nesse sentido, dialogar com as Histórias Local e Nacional por meio das músicas de capoeira fortalece também os laços dos educandos com a cultura popular.

Segundo Pedro Abib, em seu livro *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*, uma das marcas da cultura popular é o tripé: memória, oralidade e ritualidade. A partir desses elementos as histórias dos ancestrais bem

como as práticas culturais vão sendo transmitidos para as gerações futuras. Nesse contexto é importante destacar que o trabalho com a música da capoeira busca contribuir e aprofundar os conhecimentos sobre a capoeira em São Francisco do Conde, bem como mostrar pessoas da cidade que possam apresentar seus diversos saberes sobre a temática. Importa aqui o desenvolvimento de diálogos entre os envolvidos, como forma de aguçar a escuta e outras formas de desenvolver o conhecimento. No município a população jovem, em sua maioria, de alguma forma já teve a oportunidade de ver uma roda de capoeira. Trata-se de uma cidade que tem muitos grupos culturais de expressão afro-brasileira. Nesse sentido as marcas da resistência se revelam na grande quantidade de mestres de capoeira e grupos existentes no território franciscano. Como exemplo, podemos citar o bairro de São Bento que tem seis núcleos de capoeira e muitos mestres idosos que ainda estão na atividade. Anciões da capoeira como: Feliciano (mestre Bicudo), Antônio de Guilherme (mestre Toinho) e mestre Vermelho, são guardiões e multiplicadores de narrativas que aconteceram com os antepassados escravizados na vila de São Francisco da Barra do Sergipe do Conde. Essas narrativas quando expostas para os mais jovens podem despertar a reflexão e levantar questionamentos com relação aos problemas Históricos que nosso país ainda não superou como o racismo, desigualdade social e violência contra a população negra. Essa troca de saberes entre os anciões da capoeira e os jovens ajuda na construção de um pensamento histórico.

A capoeira se constitui numa expressão cultural brasileira, a qual mistura arte marcial, esporte, cultura popular e música. A mesma se faz realizada de modo oral e gestual a partir das relações sociais e/ou de familiaridade entre os mestres e seus discípulos. Entende-se que o termo capoeira denota “o que foi mata”, numa estreita relação às áreas de mata rasa, muito comum nos espaços onde eram desenvolvidas a agricultura indígena.

Para os pesquisadores da capoeira como Hélio Campos (2001), Nestor Capoeira (2001), Pedro Abib (2005) e Elisabete Vidor (2013), a capoeira no Brasil tem origem com os fugitivos da escravidão. Por conta do processo de perseguição disfarces tiveram de ser inserida na sua realização, como forma de resistência a forte repressão por parte da polícia Imperial e da Milícia Republicana. Registra-se que a mesma teve a sua prática proibida, no Brasil, até os anos 1930, ao passo que

em 2014 a mesma passou a ser declarada patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

Hélio Campos (2001) sinaliza que em países como Angola e outros do continente africano não há vestígio algum de luta parecida com a capoeira, o mesmo diz respeito aos nomes dos golpes e dos toques em língua africana. Desta forma, Campos destaca que a capoeira trata de uma manifestação regional da Bahia mais que se capilarizou por todo Brasil. Convém informar que o vocábulo **capoeira** foi registrado pela primeira vez em 1712. A capoeira além de uma excelente atividade física, pela quantidade de temáticas que gravitam em seu entorno, pode auxiliar na formação integral do estudante, atuando de forma direta e indireta sobre os aspectos cognitivo, afetivo e motor. A capoeira, para o autor citado anteriormente pode ser contemplada quanto aos seguintes aspectos: luta, dança e arte, esporte, educação, lazer, filosofia de vida e música. Porém, neste projeto de intervenção vai focar no campo musical e sua contribuição para o ensino de História. Para o professor e pesquisador da Universidade Federal da Bahia Albino Rubin:

A capoeira surge como caso admirável. Hoje talvez ela seja a manifestação da cultura brasileira mais internacionalizada. Ela esta presente em mais de 150 países. Cantada sempre em língua portuguesa, a capoeira é, no mundo atual, uma das maiores difusoras da língua e da cultura brasileira. (RUBIN:2017: 31):

Não restam dúvidas da importância, das conquistas e da disseminação da Capoeira na atualidade. Suas músicas, entoadas em diversas partes do mundo, levam, muitas vezes, aspectos da experiência negra no Brasil. Isso, como disse, permite que alguns conteúdos dispostos na Base Nacional Comum Curricular e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História possam ser discutidos e abordados a partir das músicas da Capoeira.

Nessas cantigas, podemos encontrar um conteúdo forte de valorização da identidade negra. Em um país racista como o Brasil, o conhecimento e o exercício da Capoeira contribui como uma forma de empoderamento e afirmação da identidade afro-brasileira contra as violências de todas as ordens que recai sobre os praticantes dessa arte, em sua maioria são negros. Essa arte, jogo e luta atualmente ainda enfrenta alguns problemas como a demonização por parte de algumas pessoas de nossa sociedade que intitula “coisa de preto”.

Em um passado não tão distante, a prática da capoeira era não apenas condenada socialmente e moralmente, mas era ainda ilegal. No Código Penal de 1890, qualquer indo pego praticando a capoeiragem poderia ser enquadrado criminalmente. Ela só deixou de ser crime no ano de 1935, no Governo Vargas, recebendo dois anos depois status de prática esportiva. Para Nestor Capoeira (2001), essa luta traz uma forma de ver os homens se relacionar com o mundo. Ela é transmitida de mestre para aluno através das gerações, dentro da roda, ao som do berimbau. Porém, nos dias atuais ainda é desvalorizada ou folclorizada.

No prefácio feito por Jean-Paul Sartre para o livro “Os condenados da terra”, de autoria de Frantz Fanon, traz uma passagem que mostra os mecanismos usados pelos colonialistas contra as populações escravizadas:

A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumaniza-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga. (FANON: 1997:9).

Nesse trecho que destacamos acima Sartre descreve como o pensamento colonialista agia e empregava as formas de violência necessária para se chegar até o embrutecimento do indivíduo escravizado. Porém, como bem salientou em seu livro “Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista” mais especificamente no capítulo intitulado entre Zumbi e pai João, existia o escravo que negociava. Os homens e mulheres escravizados no Brasil tiveram seus papéis de sujeitos na história, porém o estado sempre deixou invisível. O fim da escravidão se deu por conta dos movimentos abolicionistas, criação das irmandades bem como pelas revoltas que estouraram nas vilas do Brasil. A negociação entre sujeitos escravizados e senhores se dava em diversos âmbitos da vida social.

Diante desse cenário exposto acima em que a arte da capoeira foi e continua sendo discriminada, só nos resta trabalhar no sentido de desmistificar essa arte. Ao levar a capoeira e seu repertório musical para os espaços formais como as escolas, vamos oportunizar os educandos a conhecer o universo musical da capoeira bem como outras informações de modo a desenvolver o fortalecimento da identidade afro-brasileira. Dessa forma vamos estimular uma educação antirracista, pautada na educação das relações étnico-raciais.

Apesar das dificuldades que a escola enfrenta percebemos que houve empenho por parte dos educandos na participação e elaboração das atividades propostas. Tratamos de conteúdos que fazem parte da História local e isso fazendo sempre a ligação com a História nacional. A aula-oficina contou com três encontros. No primeiro foi feita a sensibilização e apresentação da proposta. A partir daí fizemos uma mediação no sentido de traçar um diagnóstico sobre a memória Histórica que os estudantes trazem acerca da temática do Brasil Império e as revoltas ocorridas nesse período nas vilas do Recôncavo. Com essa mediação colocamos algumas questões para tentar saber o quanto os alunos compreendiam sobre a História local. Perguntamos sobre as formas de trabalho e como viviam as pessoas nesse período nas vilas do Recôncavo? A maioria respondeu dizendo que no Brasil Império reinava a escravidão e que as pessoas viviam sofrendo. Perguntamos também se houve formas de resistência por parte dessas pessoas escravizadas? Muitos responderam que a capoeira foi a forma de resistência. No final desse encontro pedimos que os Educandos se organizassem em equipes de no máximo três integrantes para desenvolver uma pesquisa sobre as formas de resistência no período do Brasil Império nas vilas do recôncavo e a forma como a sociedade vivia. No segundo encontro procuramos levar a letra da música para juntos fazermos a contextualização e interpretação. Nesse dia percebemos que a fala dos educandos havia mudado, notamos que o vocabulário foi enriquecido e que as contribuições foram pontuais e não uma chuva de achismos. Muitos revelaram que acharam na pesquisa diversas formas de resistência além da capoeira.

No terceiro encontro aconteceu a construção de uma narrativa Histórica a partir das pesquisas que os alunos produziram sobre a temática. Para a construção dessa narrativa além das informações debatidas em sala o educando teve que passar por algumas etapas que logo a frente mostraremos o passo a passo das aulas-oficinas. No primeiro passo foi requisitada a pesquisa aos educandos que eles fizessem uma busca sobre as revoltas e resistências escravas no Brasil Império na região do Recôncavo baiano. O objetivo dessa primeira orientação foi levar o educando a ter uma atitude historiadora no sentido de leva-lo a buscar fontes para o embasamento do seu trabalho.

A segunda etapa consistiu em analisar a pesquisa feita e comparar com a letra da música “Toque de São Bento grande”. A Aula-oficina contou também com a audição e interpretação da letra da música com a mediação do professor

(estagiário). O processo de escolha dessa música se deu por conta da letra que retrata a resistência do povo negro no período da escravidão além de fazer relação com o país africano de Angola como região de origem de muitos escravizados que vieram para o Brasil.

Figura 2 - Estudantes realizando análise dos dados encontrados na pesquisa e socialização em sala



Fonte: o autor.

O objetivo nessa etapa era levar os educandos a identificar algumas estratégias de resistência cotidiana criadas pelos escravizados e refletir sobre as revoltas e levantes que foram importantes para o fim da escravidão. O resultado foi que a maioria dos educandos que trouxeram a pesquisa e fizeram a análise perceberam que naquele período as formas de resistência eram variadas. Muitos relataram que encontraram meios de resistência como as fugas, sabotagem na produção, lentidão na execução das tarefas e também a prática da capoeira. Nessa trajetória o terceiro e último passo foi à construção da narrativa que contou com algumas orientações: 1º utilizar informações das fontes pesquisadas na construção do texto, 2º incorporar no texto um fragmento da música e 3º traçar uma relação dessas informações com a prática da capoeira em São Francisco do Conde. O objetivo aqui foi encaminhar os educandos para a prática da pesquisa, análise, crítica e escrita do texto Histórico em contato com a música. Logo abaixo, exponho uma das músicas discutidas e analisadas com os alunos, denominada “Toque de São Bento Grande de Angola”, de autoria de Paulo César Pinheiro, data de 2006.

Nesse mundo camará
 Mas não há, mas não há.
 Mas não há quem me mande
 Eu só sei obedecer
 Se mandar
 Se mandar São Bento grande
 É de Angola é de Angola é de Angola
 De Angola de Angola de Angola
 Meu avô já foi escravo
 Mas viveu com valentia
 Descumpria a ordem dada
 Agitava a escravaria
 Vergalhão, corrente, tronco
 Era quase todo dia
 Quanto mais ele apanhava
 Menos ele obedecia
 Quando eu era ainda menino
 O meu pai me disse um dia
 A balança da justiça
 Nunca pesa o que devia
 Não me curvo a lei dos homens
 A razão é quem me guia
 Nem que seu avô mandasse
 Eu não obedeceria
 Esse mundo não tem dono
 E quem me ensinou sabia
 Se tivesse dono o mundo
 Nele o dono moraria
 Como é mundo sem dono
 Não aceito hierarquia
 Eu não mando nesse mundo
 Nem no meu vai ter chefia
 (PINHEIRO, 2006).

Foi por meio dessa música que pude retratar com os alunos aspectos importantes sobre “O escravismo no Brasil do século XIX: *plantations* e revolta dos escravizados” e “A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição”, ambos conteúdos previstos na Base Nacional Comum Curricular de História, para o oitavo ano do Ensino Fundamental.

Fiz uso da metodologia da aula-oficina, defendida por Isabel Barca (2004). Ela propõe o desenvolvimento de questões orientadoras e problematizadoras, que constituam um desafio cognitivo adequado aos educandos e não simplesmente passagens de conteúdos desconexos. Por meio da linguagem musical e em diálogo com uma investigação dos temas presente na letra da música de capoeira levamos os educandos a serem agentes da sua formação, permitindo que eles desenvolvessem uma atitude historiadora ao partir em busca de mais conhecimento, esclarecimento e aprofundamento dos assuntos abordados. Em sua pesquisa sobre música e educação étnica, Atila Guimarães (2018, p. 57) indicou que:

Essas músicas são importantíssimas em situação pedagógica, pois elas trazem informações que não estão no livro didático comumente utilizado nas escolas, pois estas preenchem as lacunas da falta de informações, aprofundam questões sobre resistência negra, além desconstruir visões estereotipadas de que o negro era passivo.

Em sala de aula, distribuí entre os alunos as letras da música e a partir da audição e interpretação fomos dialogando com os temas locais e os propostos pela BNCC. A mediação pedagógica se deu colocando questões para que os alunos aguçassem o seu lado pesquisador e trouxessem mais informações para a sala.

Trata-se de um tempo em que a sociedade baiana vivia sob o regime escravista. A não aceitação dessa forma de vida por homens e mulheres negras levou a estourar, em todas as vilas, rebeliões e atos de resistência contra a escravidão. Destacamos o trecho cantado por Paulo Cesar Pinheiro “Meu avô já foi escravo, mas viveu com valentia”. Essa parte dialoga com o tema proposto pela BNCC que trata do Brasil Império e as revoltas em prol da liberdade. No período de colonização portuguesa no Brasil o país recebeu milhões de pessoas oriundas do continente africano que vieram forçadas. Muitas dessas mulheres e homens negros foram alocados para trabalhar na vila de São Francisco da Barra do Sergipe do Conde. Esse território foi povoado por muitos engenhos como bem mostrou Gabriel Soares de Souza em sua obra “Tratado descritivo do Brasil”.

Já no outro destaque retirado da música, temos “Descumpria a ordem dada/ agitava a escravaria/ vergalhão, corrente e tronco/ era quase todo dia/ quanto mais ele apanhava /menos ele obedecia”. Nessa parte ficam evidentes as lutas contra os castigos e a busca por dignidade. Os engenhos eram a unidade produtiva que enriquecia os fidalgos e trazia o sofrimento para a população negra que negociavam a todo tempo e quando a negociação falhava entrava a luta. Um desses engenhos ganhou com o tempo notoriedade e um lugar no imaginário e nas narrativas populares de São Francisco. O engenho Cajaíba que é tratado na obra “Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)”, do americano Stuart B. Schwartz.

Trata-se de uma ilha que pertenceu ao terceiro governador geral do Brasil Mem de Sá. Com o passar do tempo, outros fidalgos tiveram a posse da ilha. Um deles foi o Barão de Cajaíba que era chefe do exército brasileiro na Bahia do século XIX. Quando o Barão morreu o seu filho herdou as terras e o engenho ao qual passou a administrar com muita violência. Até os dias atuais permanece nas

narrativas histórias contadas pela população sobre os maus tratos que o senhor de engenho cometia contra os trabalhadores. Porém, o engenho Cajaíba com a administração do filho do Barão não durou muito tempo. Um grupo de escravos se organizou e pela noite estrangulou o senhor que era muito perverso. Outro caso também da vila de São Francisco é contado por Walter Fraga (2006) a partir de fontes extraídas do Arquivo do Estado da Bahia e confirmado pelas narrativas de alguns populares. Esse fato aconteceu por volta de 1882 no engenho do Carmo que era propriedade dos religiosos Carmelitas. O engenho pertencia à vila de São Francisco e produzia muito açúcar para exportação.

Os homens escravizados desse engenho eram administrados e violentados por um padre chamado João Lucas. Esse padre tratava os homens com muita violência a ponto de um dia se juntarem para tramar a morte do padre. Silvestre, Tiburcio, Felix e outros se reuniram depois de um desentendimento com o padre no canavial e acabaram matando o religioso. Ao fazer a limpeza das touceiras de cana um dos homens esqueceu um mato próximo ao feixo de cana e o capataz advertiu o homem. No mesmo momento Frei Lucas estava chegando e ao presenciar a situação acabou xingando o escravo e ameaçando de levá-lo ao tronco. Essa foi a gota d'água para desencadear o levante que culminou com a morte do padre.

Na prática da oficina, percebemos que os educandos se perceberam como agentes ativos no processo de ensino e aprendizagem em História, na medida em que procuraram interpretar as músicas e relacioná-las com a História da região. Notamos ainda que a participação do alunado se mostrou mais ampla. Houve uma diferença entre a aula que observamos no primeiro encontro nos moldes tradicionais com os conteúdos desconexos da realidade dos educandos e a aula oficina que ministramos. O resultado foi que os educandos se sentiram parte da História e participaram ativamente nos diálogos em sala.

4 REFLEXÃO CRÍTICO-AVALIATIVA

O projeto que explicitamos aqui foi colocado em prática em várias escolas onde tenho passado ao longo de minha trajetória profissional: escola Bartolomeu, Três Marias, Isidoria Borges, Instituto Municipal Luiz Viana Neto e Martinho Salles Brasil. Procuramos dar ênfase aqui na ação desenvolvida no colégio Martinho

Salles Brasil. Local onde fiz o Estágio Supervisionado II. Percebemos com a prática da oficina que os educandos ampliaram seus horizontes no campo do conhecimento. Por meio da pesquisa e escrita percebemos a marca da atitude Historiadora que foi incentivada no decorrer do projeto. Nossa estratégia aqui foi utilizar as músicas de capoeira em dialogo com a História local para aproximar as temáticas da comunidade escolar. A prática das aulas-oficinas funcionaram no sentido de colocar uma proposta educativa diferente das tradicionais que tanto tem desestimulado os educandos. Além disso ao trabalhar conteúdos referentes a lei 10.639/03 procuramos promover uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungrs. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, SP, Salvador: EDUFBA, 2005.

ABIB, Pedro Rodolpho Jungrs. **Mestres e capoeiras famosos da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2013.

ALBERTI, Verena. **Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais**. Revista História Hoje, v. 1, nº 1, p. 61-88 – 2012.

AMARAL, Gabriel Cardoso do. **A Capoeira dos tempos de Outrora no Recôncavo Baiano**. Brasília: Inove, 2017.

ANDRÉ, Rebeca Helena. **Reflexões acerca do Ensino de História nos Programas Curriculares de Formação de Professores de História em Angola entre 2001 e 2012**. Revista História Hoje, v. 4, nº 7, p. 19-40 – 2015.

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação**. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131–144.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC / SEF, 1998. 108 p.

CAIMI, Flávia. **A aprendizagem profissional do professor de história: desafios da formação inicial**. FALTA COMPLETAR

CAMPOS, Helio. **Capoeira na escola**. Salvador: Edufba, 2001.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. São Paulo: Record. 2001.

CIAMPI, Helenice. **“Os desafios da História local”**. “Texto apresentado no V Encontro Nacional Perspectivas do ensino de História”, Rio de Janeiro, 2004.

DÓRIA, Sergio Fachinetti. **Ele não joga capoeira, ele faz cafuné: histórias da academia do mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2011.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FARIAS Isabel Maria. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Líber, 2011.

FERREIRA, Maria Cláudia. CPDOC/FGV. **“A história da formação de professores para a escola básica e a formação do profissional de história” Capítulo I, item 1.1** Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/11294/Tese%20definitiva%20Maria%20Cl%C3%A1udia%20Cardoso%20biblioteca.pdf?sequence=>

FRAGA, Walter. **Na encruzilhada da liberdade: história de escravos e libertos na Bahia 1870-1910**. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2006.

GUIMARÃES, Átila Silva Sena. **Canto negro: as músicas do bloco afro Ilê Aiyê para inclusão da História e Cultura africana no Currículo Escolar**. 2018. 90f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Universidade Estadual da Bahia-UNEB, Salvador, Ba, 2018.

KI –ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré -história da África**. ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. p.992.

MAESTRI FILHO, Mario José. **Depoimentos de escravos brasileiros**. São Paulo: Icone, 1988.

MELO, Sálvio Fernandes de. **Cantigas de capoeira: uma fonte de saber e ensino da História e cultura afro-brasileira**. Artigo.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Educação afro-brasileira: encruzilhadas das experiências culturais**. Salvador (BA): Kawo-Kabiyesile, 2015.

MONTEIRO, Ana Maria. **“Entre o estranho e o familiar: o uso de analogias no ensino de História”** In: Caderno Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p.333-347, set/dez. 2005.

NEVES, Ana Maria Bergamin. **Interações: raízes históricas brasileiras**. São Paulo: Blucher, 2012. n

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense. 1986.

PIMENTA, Selma Garrido. **Planejando o estágio em forma de projetos**. In: Estágio e docência. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 219-247.

REIS, J. José. SILVA, Eduardo, **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SILVA, Alberto da Costa e. **Um passeio pela África**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2003.

SOUZA, Anike Laurita de. **Viver em sociedade: projetos integradores**. São Paulo: Evoluir cultural, 2018.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo:Cia Editora Nacional, 1971.

VIDOR, Elisabete. **Capoeira: Uma Herança Cultural afro-brasileira**. 1ª Ed. São Paulo: Selo Negro, 2013.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.